



Todos
os homens
são
Girassóis

Ae
O Artífice editorial

Solange Sólton Borges

Todos _____
os homens
são
Girassóis
_____  _____

O Artífice editorial

E tinha realmente com toda a sinceridade do espírito,
assumido o compromisso de devolvê-lo a seu estado primitivo
de filho do Sol.

 *Rimbaud*

Apresentação

Escrevi este texto visceral movida pela perpetuação da frase, partícula de Deus plantada em mim. São esses mundos imaginários que revelam o oculto e abrem portas secretas quando o espírito já gestou o que era necessário.

A criação e a vida pessoal parecem evento único, mas não se engane, é a maneira de amparar a fragilidade. O grande mal é a incapacidade de valorizar sentimentalidades e lembranças.

Quando se conhece alguém, laços são estabelecidos a partir daquele instante presente. Para acompanhar o arco de sua trajetória, seria preciso empreender o tempo de uma outra vida.

Como se permitir estar assim a descoberto, com o íntimo exposto, para revelar o desconhecido... Por isso, o exercício de duas vozes que se apresentam, dialogam com suas raízes amplexas a aclarar suas extremas profundidades percíveis.

O desconhecido pode se tornar íntimo e mesmo assim sobreviver?

Todos os personagens que aqui estão são quase reais, e poderia ser você. As citações, uma tentativa de agradecer a generosidade e o amor incondicional dos ancestrais, companheiros e amigos.

Um ensaio para agradecer o dom da vida, o muito que se recebe, o mínimo que se devolve, o máximo que se pode dispor. Talvez a literatura tenha como único objetivo o meu sincero testemunho.

A autora

Sumário



Primeira Parte

Fios anteriores

A vida e suas pétalas perfeitas	13
O parque Redenção.....	14
Fios anteriores.....	16
Batismo pelo fogo	18
A flor encantada	20
“Amanhã, Deus saberá”	22
O último café	25
Rainha de paus.....	30
Amores cultivados.....	32
As fadas do destino.....	38
Caixa de guardados	41
Vô Oscar.....	44
Pesadelos.....	49
Prova de fé.....	52
A primeira lição	54
Exílio	58
A despedida.....	61

Segunda parte

Entre dois mundos

Porto de partida.....	69
Tempo de transição.....	72
Cordas rompidas	76
Perdas e danos	78
Preto e branco.....	80

Temporada de sonhos	84
Ventania	87
O casarão	91
Rubião Junior	96
Outras rotas.....	100
A égua cigana	103
Ao encontro do passado	109
Ventos no litoral	112

Terceira parte
Os visitantes

Os visitantes	117
Fendas	121
Todos os homens são girassóis	124



Primeira Parte



Fios anteriores

A vida e suas pétalas perfeitas

Tudo passa. Só Deus basta.

Teresa d'Ávila

Nossa unanimidade sempre foi o amor. Todas as minhas estruturas estão minimamente expostas. Minhas vontades, maturadas. Estou bem próxima da claridade interna. Quem chega como eu a este ponto, não consegue suportar o coração com a rigidez necessária, com rudezas vastas, pois está apoiado sob os firmamentos da transitoriedade.

E não há freios. Devo controlar as harpias inconvenientes que me mordem, essa geometria de brasas, o vespeiro turbulento que guarda borboletas aflitas à espera da volição. A comemoração dos girassóis, minha inauguração como mulher. Que este processo transforme minhas belíssimas iluminuras em claros vitrais. A visão do mundo clarividente: sem você, Igor, poderia existir em mim, eu, Adela, em você, mas nunca em completude.

Eu bebo cada sílaba sua que se reflete em meu interior. Sei que está em algum lugar. Mas onde está a sua voz? Como faço para que ela chegue mais ao longe? O amor é capaz de anular as distâncias e os ciclos? Onde estarei na noite dos últimos tempos?

Tenho urgência de ser povoada por pétalas perfeitas!



O parque Redenção

*A rosa é sem porquê. Floresce por florir,
sem saber se alguém a vê e sem saber de si.
(Ángelus Silesius – 1624-1677, viajante querubínico)*

Os carroções dos ciganos apareceram pela primeira vez em meu imaginário de menino no parque Redenção, em Porto Alegre. Enfileirados – de madeiras toscas e coloridos desbotados – alguns tinham seus arcos sem lona: grandes janelas vazias. Eram as minhas diligências. As caçarolas de cobre, os velhos bules pendurados, os varais com roupas surradas a brincar com o vento davam uma medida do que eu chamaria depois de liberdade!

Os homens fortes e morenos com seus brincos reluzentes, dentes capeados de ouro, fartos bigodes, altas botas pretas, chapéus gastos de aba larga, lenços, unhas compridas, cinturões largos e as camisas brancas com mangas arregaçadas... como bandeiras da paz.

As mulheres em torno dos grandes caldeirões, atentas à fervura das roupas em seu ritual de purificação. As velhas, reverenciadas, a acompanhar o movimento ao longe, zelavam pelo código interno e as tradições.

Os cavalos com sininhos ritmados, aguardando a esperança de partir. As crianças rindo soltas, em rodas, testemunho de um mundo possível.

Eu, do alto dos meus cinco anos, sentado em minha bicicleta – toda minha propriedade de garoto – olhava, embevecido, o que não entendia. De repente, senti alguém mexer em meu cabelo claro e ouvi a voz estridente:

– Que menino lindo!

Olhei fascinado as duas ciganas com suas saias repletas de cores, o excesso de pulseiras e adereços; anéis em todos os dedos.

– Obrigada – respondeu minha mãe, secamente, com o pensamento mergulhado em vagas histórias de roubo de crianças por aquele bando estranho e hostil com seu jargão de ladrões.

Tempos depois, pude entender que eles foram usurpados de tudo e queriam preservar a vida íntima a salvo por meio da palavra oculta para nós, mas reveladora para eles. O ocultamento era a única salvação. A possibilidade de escolher quem se queria ser, mudar de nome, inventar sempre novos rumos e a si mesmo nessa grande diáspora inquieta. Como se o destino os tivesse marcado a brasa.

A cada retorno ao parque eu me encantava mais... parecia que aquele povo havia sido batizado pelo fogo: as chamas abastecendo os artesãos e o trabalho dos fundidores que manejavam o ferro, o estanho e o cobre, como se comandassem antiga melodia ritmada de ferraduras em forjas. O fogo como elo para unir histórias, reverenciar a noite, dançar, cantar, punir e concretizar a purificação simbólica. A criatividade era a vida para aqueles incendiários libertinos.

Mais além, também entendi que, como a maioria dos ciganos não sabia ler, interpretava a própria vida. As mulheres sondavam as mãos dos *gadjis* para captar o alheio e a mentira era a maneira de semear alegria. Nas linhas das mãos, elas escolhiam apenas o que o freguês queria ouvir. Era um modo de enfeitar a realidade e manter sob controle o exílio interno.

Talvez isso explique porque povoei o meu mundo com histórias exuberantes e você ouvia outra fábula improvisada pela milésima vez e, rindo, dizia que eu já havia acrescentado um detalhe a mais. Era a minha herança de cigano. Tudo o mais ocorria fora do meu mundo e não me dizia respeito. A maneira de preservar a sanidade porque inventar era sobreviver.

Foi essa herança oculta que me salvou, pois estava além de mim suportar conscientemente o que viria depois, mais forte do que o vento minuano, mais amargo do que o chimarrão.

Os dentes doem. Eu, Igor, vou arrancá-los um a um para que minha história não seja dita!

